



ENTRE MEMÓRIAS, PRESENCAS E ACHADOS, REENCONTROS COM A ESCRITA DE CARTAS

Débora Medeiros do Amaral (deboraamaral@furg.br)

Aline Dorneles (lidorneles26@gmail.com)

Eixo temático 1. Experiências e Práticas Pedagógicas. .

1. CARTAS, UM CONVITE À CONVERSA-ESCRITA

No ano de 2019, iniciei uma nova caminhada no campo da pesquisa e do estudo, e também da experiência, quando ingressei no Doctorado en Educación, no Programa Específico de Formación en Investigación Narrativa y (Auto)biográfica en Educación – UNR. Atuei na gestão escolar por 10 anos, nas funções de coordenadora pedagógica e diretora escolar. Viver, pensar e sentir a escola me transformou, e ainda me transforma. Sou formada em Pedagogia Educação Infantil e mestre em educação. Nesta trajetória formativa e profissional percebo que os conhecimentos construídos de forma coletiva na escola, me trouxeram a este doutorado, movida pelo compromisso social de narrar as experiências vividas no cotidiano escolar, na ousadia de ser e fazer escola.

Nos movimentos da pesquisa, nessa busca e atenção às pistas que deixamos ou encontramos no caminho, encontrei na escrita das cartas uma possibilidade metodológica, uma forma de convite à conversa-escrita. Carlos Skliar (2018) me contou que *uma conversa abre uma brecha no tempo*, uma conversa capaz de nos fazer ausentar-nos da urgência e da pressa, uma conversa-pausa. As palavras de Skliar e seu olhar sobre a conversa me permitem pensar sobre os encontros da escola: a sala de aula, o café com os professores, as reuniões com os pais, os tempos-espacos¹ formativos,... Quantas conversas, pausas, brechas, partilhas, saberes.

Este texto busca falar um pouco sobre a importância de dizer as palavras, as palavras pronunciadas nesses diversos encontros, seja a palavra falada ou a palavra escrita. Compreendi em conversa-leitura com Fiori (2017) que dizer a palavra, a minha palavra, a palavra da escola é um aprendizado. No encontro com as memórias sobre a escola, compreendi que dizer a palavra no contexto da educação básica, muitas vezes, se faz pela oralidade, pela palavra falada. Talvez, nós educadores tenhamos nossas rotinas de trabalho tão marcadas pela urgência e pela pressa, que nos faltam tempos e espaços para a conversa-escrita. Em alguns momentos, a escrita que se vive na escola é para cumprir com os processos burocráticos, comunicar ações e organizar rotinas.

¹ Inspirados nos estudos e pesquisas com os cotidianos (Nilda Alves, 2002 e Regina Leite Garcia, 2003) unimos este e outros termos, compreendidos pela ciência moderna como excludentes e/ou dicotômicos com a intenção de, na perspectiva da epistemologia da complexidade, revelar a indissociabilidade e a retroalimentação constitutivas desses pares correlacionados.



Neste sentido, a escrita de cartas é um convite à conversa-escrita. Entendo que uma conversa-escrita se dá por meio de movimentos entre as palavras faladas e as palavras escritas, sendo assim um convite a narrar o vivido pela linguagem escrita. Encontro na escrita das cartas a possibilidade de vivenciarmos o lugar da escrita. Nesse sentido, a escrita de cartas no contexto escolar é um convite aos educadores a “aprender a escrever a sua vida como autor[a] e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existir-se, historicizar-se” (Fiori, 2017, p. 12)

Acredito que as palavras faladas vão ganhando novas formas quando transformadas em palavras escritas. Na escrita de cada carta as palavras que vão sendo escolhidas cuidadosamente, com o compromisso de contar sobre a vida, sobre as descobertas, sobre as inquietações, enfim, sobre a vida.

Assim, nesse trilhar tenho redescoberto a presença das cartas na minha vida e na minha trajetória profissional. Neste sentido, este breve texto busca compartilhar algumas memórias, descobertas e potencialidades na escrita de cartas no contexto escolar.

2. MEMÓRIAS, ACHADOS E REENCONTROS

*“Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
(...) Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela,
isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.*

*(...) Por isso se escreve, por isso se diz,
por isso se publica, por isso se declara e
declama um poema: para guardá-lo”.*

Antônio Cícero (2006, p.11)

As cartas são um convite ao exercício da palavra, ao exercício da conversa, ao exercício sobre o registro do vivido, movimentos de palavra escrita, que só são possíveis, pelo exercício da palavra falada. As leituras, as partilhas e os movimentos de escrita, que as cartas proporcionam são capazes de transformar as palavras faladas em palavras escritas, pela necessidade de guarda-lás. Oportunizar o exercício da palavra escrita por educadores, em cotidianos escolares, se dá pela busca de guardar, não para esconder, como nos conta o poeta, mas para olhar e admirar, e acrescento observar, atentar, ressignificar, aprender, compartilhar. Guardar para poder perceber as presenças e possibilidades presentes no cotidiano da escola de educação básica.

A escrita, dentre tantos conceitos e compreensões, ocupa um lugar importante no campo da memória. Garcia (2004:1) argumenta que:

la memoria, incluso la denominada individual, se construye sobre la base de narraciones que constituyen formas de discursos y modos de organizar experiencias, por ejemplo las pasadas, que son culturalmente dotados de significado, y que para ser inteligibles a la persona, grupo, sociedad, o colectividad a quien se presentan hay que expresarla en relatos lógicos que muestran la verosimilitud de lo



que se está recordando o relatando. Ciertamente, en la vida cotidiana encontramos cantidad de narraciones sobre las experiencias colectivas.

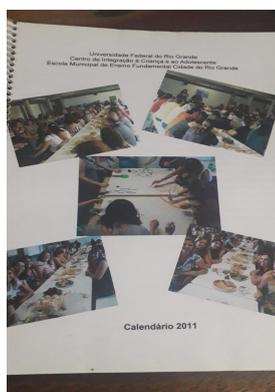
À medida que compreendo que narrar e relatar constituem o campo da memória, percebo que as cartas, e em especial as pedagógicas, são registros capazes de contar sobre os contextos e cotidianos escolares. As memórias escolares nos permitem revisitar e visibilizar as experiências coletivas de formação docente e discente vividas no cotidiano escolar e assim narrar de forma autobiográfica a constituição de saberes da experiência, bem como reconhecer as professoras como protagonistas de saberes pedagógicos, que produzem documentações narrativas da experiência pedagógica, uma vez que

estas experiencias colectivas de movilización intelectual y político-pedagógica, que suponen procesos de formación y desarrollo profesional docente centrados en la investigación pedagógica de la experiencia escolar, se vienen pensando y estudiando como modalidades nuevas o alternativas de organización social y técnica de y entre educadores para la producción, publicación, circulación y validación de saberes pedagógicos desde la recuperación, reconstrucción y documentación de la experiencia escolar. (SUÁREZ, 2016:33-34)

Nesse sentido, partindo da contribuição de Suárez, penso que a escrita de cartas no contexto escolar, podem contribuir na construção de relatos capazes de produção de documentação narrativa da experiência pedagógica. A experiência do doutorado, o achado das cartas como proposta metodológica e a compreensão da escola enquanto espaço de produção de conhecimento provocaram em mim movimentos de busca por pistas, presenças, memórias e escritas. E como diz o ditado popular, quem procura acha!

E foi assim que entre meus guardados e minhas memórias encontrei minha primeira escrita ao coletivo de professores no ano de 2011, meu primeiro ano enquanto diretora escolar. Uma escrita no formato de carta, abrindo o calendário do ano letivo.

Figura 01: Capa do calendário da escola



Fonte: registro pessoal

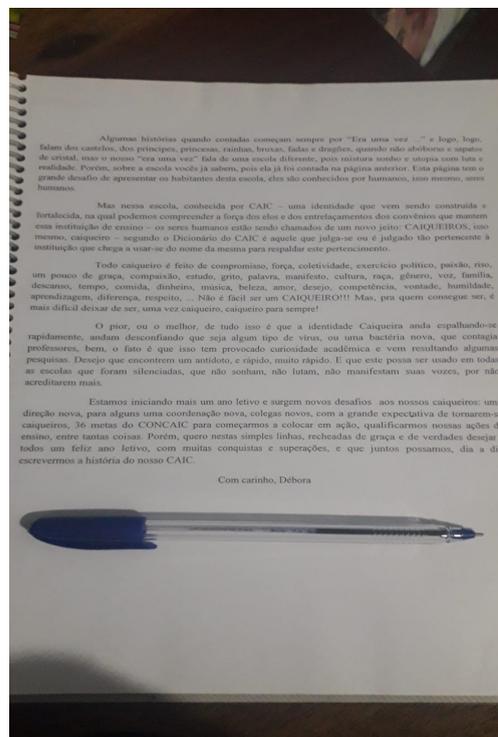


A capa do simples calendário traz imagens que contam, registram a vida e a potência da escola. Imagens que contam de encontros, de celebrações, de expressões humanas como a pintura e de algo tão comum nas escolas, da partilha de alimentos. Memórias que me permitem olhar novamente, ou como me diz Skliar:

(...) é preciso voltar a olhar bem aquilo que nunca vimos ou que já vimos, mas desapaixonadamente. Voltar a olhar bem, isto é, voltar a olhar mais para a literatura do que para os dicionários, mais para os rostos do que para as pronúncias, mais para o inominável do que para o nominado. E continuar desalinhados, desencaixados, surpresos, para não continuar acreditando que *nosso tempo, nosso espaço, nossa cultura, nossa língua, nossa mesmidade significam todo o tempo, todo o espaço, toda a cultura, toda a língua, toda a humanidade.* (2003, P.20)

Revisitar meus guardados tem me permitido voltar a olhar, agora apaixonadamente, atentamente, com olhares e escuta sensível, de forma a aprender com o vivido. Na segunda página do calendário de 2011 revisei minha primeira escrita ao coletivo de professores. Uma escrita regada de desejos e compromissos pedagógicos para o ano que viria. Uma escrita que não conta de toda humanidade, toda cultura, todo o tempo, mas que deixa marcas de um tempo, de uma cultura e um fazer escolar plural e diverso, de uma escola, suas andanças e descobertas.

FIGURA 2: escrita aos professores



Fonte: registro pessoal



Ao ler as palavras escritas por mim, enquanto uma diretora escolar iniciante, encontro um sentimento de crença e pertencimento à escola. Nas primeiras linhas dessa conversa-escrita, falo que a escola é uma mistura de sonho e utopia com lutas e realidades. Apesar de ser meu primeiro ano enquanto diretora, eu já sentia, como tão bem canta Adriana Calcanhoto na música Esquadros, as alegrias e os cansaços da gestão escolar, já vivenciados por mim na coordenação pedagógica. Foram muitas vezes que me perguntaram como eu suportava viver/trabalhar num lugar como a escola que está inserida em um contexto socioeconômico e cultural marcado por enormes vulnerabilidades e negação de direitos. Me fiz essa pergunta muitas vezes, e continuo acreditando nas palavras escritas de 2011, é a mistura! Sim, a mistura de sonho e utopia (que hoje compreendo como práticas de resistência) com a compreensão da realidade e os movimentos de luta (compreendidos como leitura de mundo). Sentimentos capazes de serem vividos pelos habitantes da escola, como citado na carta de 2011: nós humanos.

Escola é também lugar de humanidades. Compreender essa humanidade é atentar para suas marcas e presenças no cotidiano escolar. Vou reproduzir aqui um conjunto de palavras escritas, retiradas da carta aos professores quando faço referência sobre do que é feito um educador da escola em que fui diretora: *compromisso, força, coletividade, exercício político, paixão, riso, um pouco de graça, compaixão, estudo, grito, palavra, manifesto, cultura, raça, gênero, voz, família, descanso, tempo, comida, dinheiro, música, beleza, amor, desejo, competência, vontade, humildade, aprendizagem, diferença, respeito ...* (Escrita aos professores em 2011). Naquele contexto, como era uma escrita destinada a professores, escrevi percepções que nos descreviam, que descreviam o coletivo de professores da escola. Hoje entendo que essas características não fazem referência a professores, mas as marcas de nossas humanidades, de uma humana docência como escreveu Miguel Arroyo.

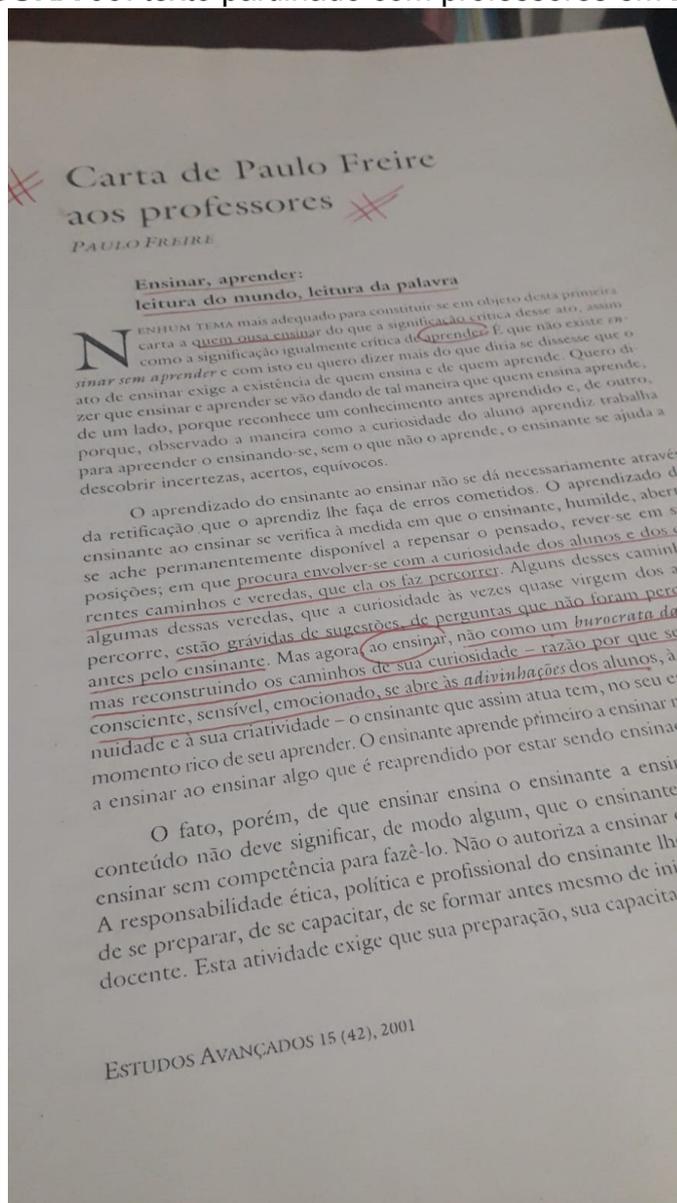
Reencontrar está escrita é um achado e um encontro com a memória. As imagens iniciais, registradas na capa do calendário, se costuram aos conceitos e compreensões do ser e fazer escola presentes na escrita da carta de abertura do ano letivo. Há nestas simples linhas um desejo que partilho novamente, que torno público por meio da escrita, pois fala de um desejo de pertencimento e da construção de ação de gestão que seja capaz ser vivida em diferentes contextos escolares, mas em especial *nas escolas que foram silenciadas, que não sonham mais, não lutam, não manifestam suas vozes, pois não acreditam mais.*

3. CARTAS COMO EXERCÍCIO DA PALAVRA ESCRITA

Revistar a escrita me permitiu tecer com as palavras escritas uma outra conversa, a escrita de uma carta aos professores, assinada por mim, foi uma conversa-escrita sobre a escola e a docência. Um texto curto carregado de compreensões e olhares sobre o ser e fazer escola. Um texto que vai deixando pistas sobre os cotidianos vividos e nossas humanidades. Curiosamente, o calendário de 2011 termina com a partilha de um texto que foi lido de forma coletiva nos espaços de formação daquele ano: Cartas de Paulo Freire aos Professores.



FIGURA 03: texto partilhado com professores em 2011



Fonte: registro pessoal

Neste texto, Freire anuncia ensinar e aprender é também, leitura de mundo, leitura da palavra. As cartas são um convite à escrita. E posteriormente, um convite à leitura, leitura de mundo, escrita sobre o universo escolar, suas complexidades e potencialidades. *Ler é procurar buscar, criar a compreensão do lido; (...)ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão.* (Freire, 2001, P. 261)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras escritas neste breve texto contam sobre a importância da escrita como prática na ação docente. Não a escrita burocrática, mas uma escrita de si, uma escrita sobre os cotidianos vividos na escola e sobre os conhecimentos que surgem



nesses cotidianos. Desejo que este texto inicial seja uma provocação para pensar o lugar da escrita na prática docente. Acredito que cartas pedagógicas podem ser um caminho possível para o reconhecimento de educadores como escritores, como narradores de suas práticas, pesquisadores de seus fazeres. Talvez, as cartas sejam ações potentes de memória social e política capazes de registrar nossas formas e descobertas de ser e fazer escola.

5. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre. Imagens e auto-imagens.** Petrópolis, RJ, Brasil: Editora Vozes, 2001.

CÍCERO, Antônio. *Guardar* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Record, 2006

FIORI, E. M.. Aprender a dizer a sua palavra. In **Pedagogia do Oprimido** (63ª ed., pp. 11 -30). Paz e Terra, 2017.

GARCIA. J. M. **Las formas del recuerdo. La memória narrativa.** IN: Athenea Digital, num 6 – otoño, ISSN: 15788946, 2004.

SKLIAR, Carlos. **elogio à conversa (em forma de convite à leitura).** IN: RIBEIRO, Tiago, SOUZA, Rafael de e SAMPAIO, Carmen Sanches. *Conversa como metodologia de pesquisa, por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SUÁREZ, D.H. . **Relatos de experiencia, redes pedagógicas y prácticas docentes: documentación narrativa de experiencias escolares en el nivel inicial,** 2016.

IN:https://www.jstor.org/stable/j.ctvtxw30v.10?seq=1#metadata_info_tab_contents